

mente o partido conservador. Estabelecera-se a ordem, implantara-se a liberdade. Cessados os apelos à força a nação não caiu num silêncio mais deprimente do que a desordem”.

\* Esse curioso, sintomático e apologético depoimento, pelo menos no que se refere ao *Jornal do Comércio*, contém verdades. É visão soberana do quadro, apreciada por quem, sendo jornalista, e dos mais típicos, via uma fase passada pensando naquela que lhe era presente. Triunfava, realmente, no início da segunda metade do século XIX, o jornalismo conservador, de que o *Jornal do Comércio* foi expressão singular. Curioso assinalar como os órgãos de vida longa, no Brasil, foram sempre conservadores, o *Diário de Pernambuco*, o *Jornal do Comércio*, o *Correio Paulistano* mesmo, apesar de seus intervalos liberais, mas sem extremos. Num ambiente assim, numa fase assim, surgiria e se desenvolveria, na Corte, o *Correio Mercantil*. Diferenciava-se do *Jornal do Comércio*, além da singularidade deste quanto ao tempo de vida, o fato de adotar uma posição política, no sentido partidário. Mas era, por isso mesmo, muito mais vibrante, movimentado, atraente, e logo se tornou o órgão mais difundido. Pertencia a Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, que entregou a sua direção ao genro, Francisco Otaviano de Almeida Rosa — latifúndio e imprensa seriam as duas bases da carreira de Francisco Otaviano. No jornal, ele soube reunir os melhores elementos intelectuais do tempo, distinguindo-se logo Manuel Antônio de Almeida, que se educara com dificuldade, fazia traduções e divertiu-se publicando em folhetins, ali, entre 27 de junho de 1852 e 31 de julho de 1853, um romance de costumes, as *Memórias de um Sargento de Milícias*, sem nenhuma pretensão literária e ocultando-se sob o pseudônimo de *Um Brasileiro*. Pois foi essa despreensão que salvou o romance, tão contrastante, em seu miúdo realismo e em sua graça fluente, da pesada ornamentação que o Romantismo triunfante vinha impondo, avassaladoramente. O romance, ainda sob aquele pseudônimo, apareceria em livro, em 1854 e 1855.

Francisco Otaviano trouxe para o *Correio Mercantil*, em 1854, José de Alencar, seu antigo colega na Faculdade de Direito de S. Paulo. Alencar, além da seção forense, que fazia com muita segurança e método, passou a escrever crônicas, no rodapé domingueiro da primeira página, passando em revista os acontecimentos da semana. Reinava ainda a *conciliação*, arranjo político destinado a apagar as lutas que haviam culminado com a lei de extinção do tráfico negreiro. A mudança era significativa, como já se mencionou: os capitais buscavam outras atividades, aparecia a lei que regulamentava as sociedades em comandita, surgiam os bancos emissores, as sociedades colonizadoras, as empresas de estradas de ferro, e, como com-